

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PLURALIZADA EM PSICOLOGIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Marcia Muller Garcez¹
Amanda Castro²
Aime de Moraes²
Caroline Silva²
Joana Lunz²
Juliane Teixeira²
Lucas Santana²
Mike das Dores²
Natalya Jacintho²

RESUMO

O presente trabalho descreve a experiência de um estágio realizado em uma universidade pública, com objetivo de ressaltar seus efeitos tanto no nível educacional e de formação para os alunos, quanto no nível de conteúdos e direções tomadas pela experiência. Trata-se de um estágio pluralizado, demarcado por três Eixos na Psicologia Clínica: 'Educação, Saúde Mental e Reabilitação'. Problematizamos a formação fragmentada em Psicologia, apostando em diálogos e articulações com a vivência e experiência em um estágio curricular pluralizado, essencial para a formação educacional e profissional do aluno. Privilegiamos a abordagem psicanalítica, de orientação lacaniana, em discussão com as diversas práticas que possam também contribuir para a modificação da concepção de uma atuação engessada da psicanálise. Levantamos como questão a prática clínica, fora do modelo standard, ou para além do consultório, se apresentando em meio aos problemas sociais, institucionais e coletivos, colocando-nos a pergunta sobre os efeitos de sua intervenção em diferentes contextos e na formação do aluno enquanto experimentador do estágio pluralizado. Acreditamos que a psicanálise tomada pelo viés social tende a contribuir para um uso mais eficaz e concernente com a sociedade atual, resvalando consequentemente para a própria atuação nos atendimentos individuais em *settings* analíticos.

Palavras-chave: Educação; Psicologia; Formação; Psicanálise; Clínica.

¹ Mestre e Doutora em Psicologia UFRJ; Psicanalista e gestora da Clínica Falasser; Professora Substituta Adjunta de Psicologia na Universidade Federal Fluminense – UFF.

² Alunos da Universidade Federal Fluminense – UFF e estagiários do projeto relatado neste artigo durante o segundo semestre de 2017.

ABSTRACT

The aim of this paper is to describe the effects of an internship experience at a public university, highlighting the effects both in levels of education and formation of students, and in levels of content and directions taken by students, based on the experience. It is a pluralized internship, defined by three center lines in Clinical Psychology: 'Education, Mental Health, and Rehabilitation'. Betting on dialogue and articulation within a real-life curricular and pluralized internship experience, essential in the educational and professional development of the student, we problematize the fragmented formation in Psychology. We favor the Lacanian approach to psychoanalysis, discussing with the several practices that may also contribute to change any narrow concept of psychoanalysis. We have chosen, as our topic, clinical practice outside of the standard, beyond the office, among social, institutional, and collective problems, asking ourselves about its effects in different contexts as well as in the formation of the student in the pluralized internship. We believe that understanding psychoanalysis under a social perspective tends to contribute to its better use, more in sync with today's society, consequently contributing to its better use in individual analytical settings.

Key words: Education, Psychology, Development, Psychoanalysis, Clinic.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PLURALIZADA EM PSICOLOGIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

O presente estudo, para além de ressaltar a sua aplicação e objetivos específicos na prática de um estágio¹ curricular, visa também à tentativa de inserção em diferentes discursos e abordagens da Psicologia, buscando minimizar a fragmentação da formação educacional e profissional do aluno, contribuindo para a produção científica em Psicologia, e abarcando a pluralidade que esta deve contemplar. São diversos os campos de atuação dentro da psicologia como relaciona o Conselho Federal da profissão: Psicologia Clínica, Saúde, Hospitalar, Escolar e Educacional, Neuropsicológica, Psicologia Forense, Psicologia do Trabalho e Organizacional, Psicologia do Esporte, Social e Comunitária, Psicologia do Trânsito, Orientação Vocacional/Profissional. Dentro dessas áreas ainda contamos com as múltiplas abordagens e concepções teóricas, uma vez que o campo subjetivo não possui uma única verdade e sim diferentes construções e saberes. Agregar em psicologia é um termo que merece ser considerado na formação e *usos* da profissão.

A Psicanálise Hoje

A psicanálise na atualidade demonstra sua aplicação para além dos consultórios ou tratamentos demandados por sujeitos em alguma particularidade. Mesmo em consultórios ou clínicas especializadas a procura por atendimentos tem sido crescente, e nos cabe colocar a pergunta se os sintomas contemporâneos ou adoecimentos estão mais frequentes ou se há uma naturalização do uso – por senso comum – das terminologias nosológicas, ou ainda, se a procura pela psicologia está para além da apresentação de sintomas, uma vez que, também está sendo buscada para conhecimento e crescimento pessoal. Uma opção não inviabiliza as outras, mas o ponto que nos serve é o de promover a pesquisa sobre essa prática que está cada vez mais intensa e requisitada dentro e fora de consultórios. Além disso, a oferta pluralizada de práticas e contextos

¹ Estágio Básico em Psicologia Clínica – Universidade Federal Fluminense. Atividades desenvolvidas: Visitas distribuídas em instituições que envolveram os eixos deste artigo; Acompanhamento dos responsáveis ou profissionais nas instituições para melhor compreensão da rotina e procedimentos; Leitura e discussão de textos relacionados aos eixos escolhidos; Debates e filmes onde a prática discutida pode ser incrementada; Elaboração de relatórios, textos e artigos sobre a experiência; Apresentação de seminários de estudo e pesquisa que pudessem articular teoria e prática sempre visando a melhor formação do aluno em integração com a sua futura prática profissional.

diversos permite ao aluno contemplar uma formação mais enriquecida com comparações, vivências e reflexões sobre a prática em sua formação.

Assim, torna-se possível vivenciar modos de atuação clínica, inseridos nos diversos campos da psicologia para além dos atendimentos por livre demanda², que enrijecem a psicanálise nos modelos da prática nos consultórios, uma vez que essa, por sua longínqua constituição histórica contribui para ser vista como um modelo rígido. Essa vivência que passa por eixos que dialogam entre si, propicia ao aluno não só o contato e verificação da prática nos contextos da sociedade, mas também uma comparação reflexiva entre os campos, a conexão entre teoria e prática, além do contraponto com os diferentes saberes da formação em psicologia.

Articulamos, nesse Estágio, três³ campos de experiência e percurso profissional, que foram nos colocando diante da importante questão acerca dos efeitos da psicanálise tendo o social como campo de atuação. Na Educação Básica, onde nos inserimos na Educação Infantil e Ensino Fundamental, através de visitas ao Coluni – Colégio Universitário Geraldo Reis – percebemos que desde o princípio a conversa com a clínica estava posta em uma modalidade distinta. As vivências que se deram no campo da Saúde Mental – Ambulatório de Saúde Mental de Pendotiba – permitiram uma aproximação em um campo que está em luta, sempre ameaçado de ser colocado à margem da sociedade. A experiência em uma clínica de reabilitação – Associação Fluminense de Reabilitação (AFR) – nos convocou à peculiaridade da clínica, quando o real afeta o corpo através de mutilações, impedimentos ou síndromes. Essa instituição também oferece a modalidade de atendimentos individuais de orientação psicanalítica, o que nos permitiu a associação direta com as demandas de consultório. Logo, no âmbito de atendimento clínico por livre demanda, ou os atendimentos em consultórios, pudemos fazer o contraponto dos três Eixos com a modalidade que atende àqueles que procuram ingressar em uma experiência individual analítica.

A Paisagem Social

O ideal de vida bem sucedida permeia a atualidade. Requer uma ideologia que associa aceleração, eficiência e consumo ilimitado. Todos os âmbitos sociais são afetados por essa aceleração: na alimentação temos as *fast foods*; na educação temos que lidar com o excesso de informações e a incessante busca de melhores resultados; o mercado de trabalho requer pessoas mais ágeis; e na produção para o consumo não poderia ser diferente: os produtos são cada vez mais

² Trataremos por “Livre Demanda” a busca pelo tratamento analítico nos consultórios, fora das instituições.

³ As três instituições se localizam na Cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro.

descartáveis, substituíveis e as ofertas inacabáveis. Estamos na cultura do *time is money* e isso pode significar valorizar ainda mais o tempo, transformando-o em dinheiro – representante do discurso capitalista. Se, por um lado, estamos evoluindo, avançando tecnologicamente, por outro, estamos padecendo com essa velocidade. Os sintomas e ansiedades, na contemporaneidade, mostram esses efeitos, assim encontramos ressonância nas ideias de Gilles Lipovetsky que nomeia de “hipermoderna” uma “modernidade” exposta ao superlativo, pois difere de seus antigos pressupostos, os três axiomas: mercado, eficiência técnica e indivíduo. Segundo o autor o que era ditado por valores e modelos definidos ainda pela tradição e ideologias se transmutou em “uma segunda modernidade desregulamentadora e globalizada”⁴ (p. 54). O autor à luz do prefixo *hiper* nos indica referências ao contemporâneo, uma vez que se apresenta, a nosso ver, através de uma exacerbação, intensificação da cultura que podemos chamar de *cultura do excesso*, “do mais rápido e do sempre mais.”⁵ (p.57). A sociedade parece mergulhada no tempo da urgência e da instantaneidade, o que faz com que, de forma globalizada, alguns pensadores busquem questionamentos para esse retrato da atualidade, assim como tentamos apontar as possíveis leituras e intervenções da psicanálise nesse contexto, além de destacar esse efeito na própria formação dos estudantes.

Existe um movimento social de desaceleração do estilo de vida, iniciado na Itália em 1986, denominado *Slow Food*. O movimento teve início como protesto à abertura de um McDonald’s na Piazza Di Spagna, em Roma, e seu símbolo é um caracol. Com esse manifesto buscava-se reforçar a defesa da tranquilidade como “a única forma de se opor à loucura universal da *Fast Life*.” (CARVALHO, 2009, p. 15.)⁶. Dentro dessa concepção, lança-se também a expressão *Slow Attitude* ou atitude sem pressa. Segundo a autora, “o movimento *Slow* conjuga alimentação e gosto, mudança social e bem viver, [...] considera o direito ao tempo, [...], critica um dos motores da sociedade da produção e consumo acelerados” que ela chama de “*ansiedade improdutiva*.” (p. 16)⁷. Esse é um recorte de um movimento que questiona a velocidade que assola o mundo contemporâneo.

⁴ LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Baccaro, 2007, p.54.

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Baccaro, 2007, p.57.

⁶ CARVALHO, Isabel. Uma atitude sem pressa: antídoto para a ansiedade improdutiva. In: *Perspectiva Capiana*, n. 6, novembro de 2009, p.15.

⁷ CARVALHO, Isabel. Uma atitude sem pressa: antídoto para a ansiedade improdutiva. In: *Perspectiva Capiana*, n. 6, novembro de 2009, p.16.

Bauman (1998) ressalta os três pontos evidenciados por Freud (1976 [1930]) beleza, limpeza e ordem como ganhos à custa de troca. Esses ganhos, se abandonados provocam indignação, mas, por outro lado, são obtidos por alto preço. “Nada predispõe naturalmente os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem.”⁸ (p. 8). Até aqui temos em concordância com Freud que afirma que “o programa que nos impõe o princípio de prazer, o de ser felizes, é irrealizável”⁹ (p. 83). É preciso pagar o preço com o sacrifício e renúncia de suas pulsões, e o autor descreve cultura como “o que designa a soma de operações e normas que distanciam nossas vidas das de nossos antepassados animais e que servem a dois fins: a proteção do ser humano frente à natureza e a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens.”¹⁰ (p. 88). Sobre esses vínculos, o autor põe o acento mais forte, uma vez que determinará a formação da cultura. Caso não houvesse esse laço, predominaria o indivíduo mais forte que se sobrepusesse aos outros. O fato de se unirem para construção de regras, é que caracteriza o funcionamento da cultura e configura o que Bauman colocou como sendo a própria modernidade. É essa união e formação de regras que requer a renúncia das pulsões.

A grande contribuição trazida por Bauman (1998) é a torção da proposta de Freud, sem alterar seus elementos, caracterizada pela atualidade que é a da desregulamentação. Para o autor “o princípio de realidade, hoje, tem de se defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que a está presidindo.”¹¹ (p. 9). Sobre essa inversão ou mudança na paisagem social da atualidade, Brousse (2007) traz que mudanças simbólicas deixam suas consequências no mundo da educação e informação, e que a psicanálise deve pensar essas condições e se aplicar nesse contexto. Além das questões que foram levantadas – como consumo, beleza, tecnologia e alimentação – temos também a questão da informação, que segundo a autora:

O sujeito encontra-se em rede não estando mais sujeito a uma hierarquia. Ele é informado desse fato, não é mais comandado. O direito à informação que lhe é dado tem por contrapartida que toda informação que lhe concerne possa ser conhecida pelo Outro. Concretamente isto quer dizer que ele está submetido a uma informação infinita, sem princípio de ordenamento, na qual pode – e em certo momento deve –

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.8.

⁹ FREUD, Sigmund. (1930). **O mal estar na civilização**. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XXX, 1979, p.83.

¹⁰ FREUD, Sigmund. (1930). **O mal estar na civilização**. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XXX, 1979, p.88.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.9.

participar como seu produtor. A questão de sua relação com o simbólico encontra-se modificada (p. 13).¹²

Essas modificações simbólicas trazem mudanças na forma do sujeito relacionar-se na cultura e conseqüentemente em seus sintomas e sofrimentos, logo, a direção que a psicanálise toma para escutar e intervir nesse contexto também sofre alterações. Procuramos fazer essa leitura da paisagem social na tentativa de contextualizar o presente artigo, que relata uma vivência de estudantes em estágio de formação, elucidando os sofrimentos de hoje, enquanto se apresentam como problemas sociais, institucionais e coletivos que convocam às intervenções mais diversas em contextos também variados. Essas transformações convocam a psicanálise a responder de outro lugar, a partir de um viés social, aplicada em diversos campos de atuação, desde o momento em que “vai às ruas”, inserida em hospitais, escolas e instituições em geral, até seus reflexos no próprio consultório.

A Prática ou o Trabalho em Extensão

O exercício da clínica não está mais confinado ao consultório e ao estereótipo que dali se originou, embora mesmo em Freud encontremos indicações das análises de grupos tal como ele define as identificações em ‘Psicologia das Massas e Análise do Eu’,¹³ (FREUD, 1979 [1921]). No referido texto, Freud se refere ao conjunto de indivíduos que colocam o mesmo objeto no lugar de ideal do eu, e, conseqüentemente identificam-se uns aos outros. Ainda assim, os princípios da clínica se mantêm e consistem em não calar o sintoma e sim fazê-lo falar encontrando a singularidade mesmo em situações coletivas ou plurais.

O termo *psicanálise em extensão* foi empregado por Lacan na ‘Proposição de 9 de Outubro de 1967’¹⁴ em oposição ao termo *psicanálise em intensão* que diz respeito à prática pura, em consultório. É importante estar advertido de que são termos de orientação, não antagônicos e não designam que a psicanálise seja somente pura *ou* somente aplicada, em extensão *ou* intensão, mas localizam e circunscrevem a prática, ainda que esta seja sempre de alguma forma, pura e

¹² BROUSSE, Marie-Hélène. Em direção a uma nova clínica psicanalítica. In: **Latusa**, n. 12, p. 11-22. Rio de Janeiro: EBP, 2007, p.13.

¹³ FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XV, 1979.

¹⁴ LACAN, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

aplicada.

Uma forma de compreender como a clínica se faz presente nas ‘ruas’ pode ser explorada a partir do autor Pierre-Gilles Guéguen que nos lembra de que o que faz um psicanalista é o seu ato e não como, ou quantos, pacientes ele recebe. Segundo o autor:

O fato de haver análise não depende nem de sua duração, nem do lugar, nem do ritual, mas sim do tipo de operação que se efetua, graças aos poderes da fala: para nós, o enquadre é feito para servir à análise, e não que a análise seja feita para servir ao enquadre. Isso quer dizer que não há obstáculo para que a psicanálise aplicada se pratique em lugares diferentes do consultório do analista, por exemplo, na instituição. (GUÉGUEN, 2007, p.19)¹⁵.

O autor também sinaliza a dificuldade perante os ideais e os diferentes discursos que podem habitar uma instituição, e que assim, “o praticante deverá sustentar a lógica do caso junto a seus colegas para assegurar as condições de eficácia de seu ato”, e completa que “será preciso valorizar o caso, um por um, fazer-se responsável por ele, opondo-se, com frequência, aos preconceitos do lugar em que trabalha.”¹⁶ (GUÉGUEN, 2007, p.19).

Outro ponto importante para fundamentar o trabalho – além da verificação das práticas da clínica em condições plurais e adversas – é a pesquisa na formação enquanto produção e circulação de saber. Os dispositivos de pesquisa nos mostram que existem variados tipos de encaminhamentos que podem ser feitos com interesses múltiplos. Ciribelli¹⁷ (2003) aponta que estes podem ir desde estudos Ex-Post-Facto – fenômenos já existentes, que independem do controle do pesquisador – até a Pesquisa-Ação ou mesmo a Pesquisa Participante, onde o próprio pesquisador é um dos elementos da pesquisa. Estas últimas modalidades inserem-se na Pesquisa de Campo, cuja prática inclui o estudo de indivíduos, grupos, comunidades e instituições. Por sua vez, na abrangência da investigação teórica encontramos a pesquisa documental, bibliográfica ou as que se baseiam em fenômenos atuais articulados às teorias – estas últimas que parecem nos servir, a princípio, como modalidade de pesquisa e estudo. Alguns autores afirmam que a transformação que se faz da realidade ou a implicação e o comprometimento que o pesquisador passa a ter com a pesquisa são formas de intervenção. Destacamos uma dessas afirmações de Lucia

¹⁵ GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Quatro pontuações sobre a psicanálise aplicada. In: **Pertinências da psicanálise aplicada**. Associação do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.19.

¹⁶ GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Quatro pontuações sobre a psicanálise aplicada. In: **Pertinências da psicanálise aplicada**. Associação do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p.19.

¹⁷ CIRIBELLI, Maria. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Rabello de Castro:

Decorrente da visão de que não há uma extemporaneidade do pesquisador em relação ao ato de pesquisar, reconhece-se que todo dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção. (CASTRO, 2008, p. 29)¹⁸

Tratar a intervenção como sendo de toda pesquisa universaliza seu conceito e amplia o olhar sobre os efeitos que ela produz no pesquisador. Indagamo-nos sobre a pesquisa teórica, ou seja: podemos fazer uso do significativo intervenção quando o contato entre o pesquisador e seu objeto é estritamente teórico e de observação? Sustentaremos que sim e que a intervenção sofrida será na formação do aluno enquanto pesquisador em potencial, ainda que não estejam na modalidade de pesquisa de campo, e apenas de um primeiro estágio e contato com a prática.

Três Eixos de Verificação da Prática: Educação, Saúde Mental e Reabilitação

Os três Eixos propostos são articuláveis entre si e podem, a partir de suas diversidades, trazer um diálogo comum com perguntas orientadoras para a sua investigação: como são as demandas para a psicologia? Como os sintomas aparecem nessas instituições? Quais as variáveis psicossociais e como os encaminhamentos são feitos? Como acontece a interdisciplinaridade?

Como primeiro eixo, localizamos a Educação onde, muitas vezes, não se conta com a presença direta de um profissional de psicologia, ainda assim, enquanto um lugar de laço social e de crianças ou jovens em desenvolvimento, alguma relação com a psicologia se estabelece. Há os psicólogos da educação que são voltados para os estudos da aprendizagem, que muitas vezes são explorados por professores e equipe. Há também os pensadores da clínica que levantam diagnósticos sobre os sintomas e mazelas que se apresentam nas escolas. Nessa dobradiça cabe levantar reflexões sobre como ver o sujeito-criança e sua relação com a infância na atualidade. O filme ‘Crianças Invisíveis’¹⁹ (2005) contribui para esse debate, uma vez que traz a reunião de diretores do cinema mundial com recortes de uma ‘infância perdida’ nas diferentes partes do mundo, tendo sido uma encomenda da Unicef. Faz-se importante levantar a interrupção da infância não só pelas questões levantadas no filme, mas pelas próprias imposições diagnósticas e pelo efeito

¹⁸ CASTRO, Lúcia. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lúcia.; BESSET, Vera. (orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008, p.29.

¹⁹ **CRANÇAS INVISÍVEIS**. Filme. Direção: Kátia Lund et al. DVD (124 min). Itália, 2005.

de aceleração que a sociedade contemporânea está submetida. O documentário francês de Marie-Pierre Jaury, ‘Infância sob Controle’²⁰ (2009) também traz considerações importantes sobre a patologização da infância e a medicalização como controle social.

Ainda nesse eixo da Educação, o desafio da psicanálise é demasiadamente complexo, pois abarca a formulação do pensamento, contrapondo-se a modelos de ensino padronizados e rígidos.

O que poderá acontecer quando uma instituição estiver toda voltada para repetição, para o igual? Pois bem, quando houver apenas repetições, quando houver apenas discursos cristalizados, os sujeitos não mais poderão manifestar-se. Não falarão, não poderão “oxigenar-se”, ou seja, não poderão beneficiar-se dos efeitos de verdade e de transformação que surgem quando há espaço para emergências ou falas singulares. Nesses casos, o resultado poderá ser a impossibilidade de criação de novos discursos, mais flexíveis e acompanhadores das mudanças. O passo seguinte é a fixação das crianças em estereótipos, em modelos que lhes são pré-fixados; vem a inibição intelectual, o fracasso escolar (KUPFER, 1997, p. 55-56).²¹

A instituição que visitamos durante o período de um mês foi a Creche e Ensino Fundamental, que funcionam em prédios diferentes, porém, ambos situados no campus da UFF. Desde a entrada na creche já nos deparamos com o ambiente de fantasia e criatividade criado lá. Há muitos desenhos presos na parede e muitas cores, tudo muito adequado à estimulação das crianças pequenas, que tem entre 2 e 6 anos.

Durante um dos encontros, alguns questionamentos foram feitos e uma professora descreveu como se dava a inserção da psicologia na creche, como eles trabalhavam naquele ambiente. Ela nos relatou que há uma psicóloga no local, porém ela só atua quando há alguma situação mais grave, quando se percebe que uma criança sofre violência em casa, por exemplo. Fato que ela destaca ser uma situação muito delicada, já que os pais parecem não gostar quando a escola interfere na vida familiar.

Outra questão levantada por ela foi quando uma criança chega com algum diagnóstico ou alguma suspeita de problemas psicológicos, como TDAH ou autismo, comuns na atualidade, conforme mencionamos na discussão do documentário ‘Infância sob Controle’. Nesses momentos, ela relata a importância da presença de um psicólogo para poder orientar as professoras sobre o que deve ser observado, o que é relevante ou não, ou como lidar com a criança. Outro ponto que

²⁰ **INFÂNCIA SOB CONTROLE: MEDICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA.** Documentário. Jaury, Marie-Pierre. DVD (53 min.), Paris, 2009.

²¹ KUPFER, Maria Cristina. O Que Toca à/a Psicologia Escolar. In: SOUZA, Marilene.; MACHADO, Adriana. **Psicologia Escolar: Em Busca de Novos Rumos.** Casa do Psicólogo, 1997, p.55-56.

serviu para a vivência do estágio enquanto formadora foi uma proximidade com o universo simbólico infantil. Uma aluna de 5 anos, no momento da atividade de roda, informou espontaneamente que nasceu da barriga de sua mãe. Com curiosidade, a estagiária perguntou como foi que ela nasceu, e, com expressão disse que foi "aterrorizante" (sic), pois sua mãe passou mal, foi ao médico e logo ela nasceu.

A ilusão tem seu nível de realidade, e é sobre o que opera a interpretação analítica. É esta a verdade da sessão, a verdade do inconsciente, a verdade da chamada 'palavra plena' na teoria lacaniana. Esta realidade constituiu numa transformação de nosso sujeito que, apropriando-se de certo atributo, é agora o representante do outro. Neste caminho, surge-nos a perspectiva segundo a qual, todo o registro imaginário remete a uma ordem simbólica. (CABAS, 2005, p.36)²².

Assim, o autor defende que igualmente ao fenômeno ilusório, o imaginário se constitui pela verdade histórica, que por sua vez, se constitui no símbolo. Com essa possibilidade de inserção no Eixo da Educação, a partir do estágio, a formação dos alunos pôde contemplar não somente as demandas, problemas e questões diagnósticas de uma instituição escolar, como também, a aproximação do universo e fantasias infantis, onde as crianças tem sempre muito a nos ensinar.

Assim, para perpassarmos para o segundo campo, segundo Eixo do estágio, fazemos a interlocução com o campo da Saúde Mental, que também traz em evidência a sociedade atual e nos convoca a pensar nas demandas e encaminhamentos que se fazem nas instituições.

A psicanálise, como parte integrante da rede de conexões que compõe esse sistema, não almeja cobrir todas as questões humanas presentes neste ramo, mas reconhecendo a complexidade da vida humana, seus sofrimentos e demandas, participa de um mecanismo que visa, primeiramente, ouvir o sofrimento do sujeito que chegou para o atendimento ambulatorial. Em seguida, trabalha para que este encontre um espaço para suas questões e, se for o caso, encaminhá-lo para outras instituições especializadas que colaborem para que suas demandas sejam sanadas (ABREU, 2008)²³.

Diante da singularidade de cada sujeito e da pluralidade de questões, sofrimentos e demandas que se apresentam na clínica, vimos no Ambulatório de Saúde Mental de Pendotiba que

²² CABAS, Antônio. **Curso e discurso na obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Centauro, 2005, p.36.

²³ ABREU, Douglas. **A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental**. In: **Estudos e pesquisas em psicologia**. Ano 8, N. 1, p. 78-84. UERJ: 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n1/v8n1a08.pdf>. Acessado em fevereiro de 2018.

o profissional ali inserido conta com uma gama de opções para atender o sujeito, como encaminhamentos para o atendimento psiquiátrico, encaminhamentos para a área jurídica e/ou de assistência social. Esses encaminhamentos contribuem para a melhor assistência de quem procura os serviços do ambulatório e prova que a psicanálise nas instituições não tem a prepotência de encerrar-se em si mesma, mas somar, integrar e contribuir para o atendimento.

A forma como o ambulatório está localizado na região nos pareceu muito interessante: olhando de fora, vê-se apenas uma pequena estrutura física que não parece uma instituição que realiza grandes trabalhos e atende diversas demandas diariamente. É um local que ao mesmo tempo em que aparenta ser escondido, é tão visado por aqueles que o buscam e o utilizam. Essa maneira de se localizar acaba enfatizando até mesmo a questão da demanda psicanalítica – abordagem seguida pela instituição – ajudando na questão da descrição, acolhimento e na própria construção do tratamento. Essa questão do espaço físico coadunou com a discussão acerca do documentário ‘A Loucura Entre Nós’,²⁴ onde se vê possível um projeto grandioso se fazer acontecer em um pequeno espaço situado nos entremeios de um Hospital Psiquiátrico.

No ambulatório público em questão, os usuários eram divididos em grupos de acordo com sua problemática. Estes iniciavam no *Grupo de Acolhimento*, de onde se formavam outros grupos com uma equipe de psicólogos que avaliavam a demanda própria de cada um, para só então realizar o encaminhamento mais adequado. Na sequência, havia outro grupo realizado em um dia diferente da semana, chamado *Grupo de Recepção*, onde os profissionais recebiam os usuários já encaminhados para a continuidade do trabalho. Havia uma tentativa de separação entre neurose – que ficavam em grupos para sanar a alta demanda – e a psicose – que necessitava de atendimento individualizado, ou mesmo direcionamento para outra instituição. Entre a chegada e a saída há o acolhimento e o *ato clínico* enquanto decisão a ser tomada. Havia também o *Grupo de Retorno*, sendo intermediário, situando um tempo maior para se escutar a demanda e se decidir com mais calma pelo destino do usuário.

A clínica da psicose requer intervenções que convocam a um exímio estudo, que implica o percurso teórico – e os avanços que nele se aplicam –, associado à prática clínica. A atualidade compreende uma nova ordem simbólica, onde as modalidades discursivas não mais se apresentam como reguladoras do sofrimento social (GARCEZ, 2016)²⁵. Esses efeitos aparecem nas

²⁴ A LOUCURA ENTRE NÓS. Documentário. Direção: Fernanda Fontes Vairelle. DVD (55 min). Brasil, 2016.

²⁵ GARCEZ, Marcia. **Psicoses, Nós e Remendos**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

instituições e as intervenções possíveis na psicose – não somente nela – precisam acompanhar as mudanças sociais e a forma em que elas se apresentam. Descolar o sujeito do discurso de um ideal de ‘saúde mental’ tem trazido avanços também para o debate da Luta Antimanicomial, assim como um olhar mais humanizado e que se distancie de uma atuação mercadológica.

No entanto, retrocessos estão sempre à espreita e o caminho de estudo e prática deve se impor. Acompanhando Angelina Harari (2006) concordamos em retirar o índice negativo da psicose e nos guiar por outro fio condutor: “o conceito não deficitário de psicose”²⁶. (p. 11). Assim, tomando a loucura não como deficitária, mas como inerente à realidade e atividade humana, imersa nos processos e problemas sociais, recorreremos à literatura do século XVI, com o livro publicado em 1511, chamado ‘Elogio da Loucura’²⁷ de Erasmo de Rotterdam em que o autor, humanista, teólogo, considerado um apaziguador na reforma protestante entre Lutero e a ortodoxia católica, escreve colocando a loucura como narradora, elogiando a si mesma, se autodenominando feminina, bela, necessária e presente na vida humana.

Sobre o eixo da Clínica de Reabilitação, a instituição visitada, AFR, trabalha com foco na psicanálise e atualmente realizam, além de grande oferta de estágio, a abertura de bolsas para recém-formados, favorecendo o campo de trabalho profissional.

Uma das versões acerca do nascimento da instituição é a de que foi inaugurada após o grave incêndio em um circo na cidade de Niterói, o qual deixou as pessoas que conseguiram sobreviver com ferimentos de alta complexidade, exigindo imediatismo nos atendimentos para evitar maiores complicações, por isso está relacionada à reabilitação física. A segunda das versões se refere à união de médicos para tentar conter uma epidemia na mesma cidade, e inclusive, as duas versões podem ter se complementado.

A AFR é uma organização filantrópica e por este motivo atende tanto pacientes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), quanto pacientes usuários de planos de saúde particulares a fim de proporcionar tratamento de crianças, adolescentes e adultos em situação especial.

Eles têm ainda o trabalho de ‘Estimulação Precoce’ que serviu para nos mostrar a capacidade de a psicanálise estar presente num âmbito institucional e sua importância frente à reabilitação, neuro-infantil, sob o viés psicanalítico. A Estimulação Precoce trata-se de um trabalho que se inicia desde a saída da maternidade, no acompanhamento do bebê para a

²⁶ HARARI, Angelina. **Clínica lacaniana da psicose: de Clérambault à inconsistência do Outro**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, p.11.

²⁷ ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

estimulação da emergência do sujeito, desenvolvimento simbólico e reinvestimento/investimento do desejo da mãe e da criança respectivamente. Assim como o acompanhamento familiar na elaboração do luto, do reinvestimento libidinal ao filho dito *deficiente* e a possibilidade de investimento a outras áreas da vida, fazendo com que esta saia da condição de objeto e possibilitando-lhe maior investimento diante das dificuldades impostas pela doença e sua independência. Ou seja, estimula-se que o bebê saia do significante da deficiência, colocando-o numa posição de busca, enquanto corpo erotizado que dá prazer e busca prazer, num trabalho em conjunto com a família. Destacamos também os diversos tipos de atendimentos relacionados com a reabilitação em diferentes setores da clínica e formação de alunos estagiários, incluindo reuniões e supervisões.

Para Concluir

Verificamos nos Eixos dessa experiência, o que se apresenta nos espaços sociais: instituições que não recuam frente aos sintomas contemporâneos e que oferecem suas intervenções na modalidade singular, onde o sintoma é posto a falar, seja aquele circunscrito na Educação, seja aquele da Saúde Mental, seja aquele que se depara com a reabilitação do corpo. Já o atendimento individual sob livre demanda – ou quando alguém busca um tratamento analítico independente de um encaminhamento ou instituição – aponta uma forma diferente de se iniciar um trabalho analítico, como assistimos no relato singular de cada analisante no documentário ‘Nossas Inquietudes’²⁸. Esse campo nos permitiu também investigar a clínica em sua especificidade, desde os primórdios, assim como recolocar as questões trabalhadas nos Eixos que envolveram as instituições.

Ao fazer a passagem do método hipnótico para a associação livre, Freud (1975 [1914]) descreve em suas *Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise – Recordar, Repetir e Elaborar* – que na hipnose a questão de recordar se fazia simplificada. “O paciente colocava-se de volta numa situação anterior, que parecia nunca confundir com a atual, e fornecia um relato dos processos mentais a ela pertencentes [...]”²⁹. (p. 194). Sendo assim, na hipnose ainda encontrávamos certa tendência em separar o passado do presente, fazendo com que a solução dos sintomas se desse a partir da recordação e da transformação de conteúdos inconscientes em

²⁸ **NOSSAS INQUIETUDES**. Documentário. Direção: Judith Du Pasquier. DVD (55 min). França, 2003.

²⁹ FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XII, 1979, p.194.

conscientes. Com a associação livre, onde não mais se hipnotizavam os pacientes, e sim dava-se lugar à palavra, podemos pensar numa atemporalidade marcada por Freud e que nos permite um uso da psicanálise sempre voltado pra os problemas que se apresentam em um tempo atual.

Sob a nova técnica, muito pouco, e com frequência nada, resta deste deliciosamente calmo curso de acontecimentos. Há certos casos que se comportam como aqueles sob a técnica hipnótica até certo ponto e só mais tarde deixam de fazê-lo, mas outros se conduzem diferentemente desde o início. Se nos limitarmos a este segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (Freud 1975 [1914], p. 196)³⁰.

Vemos então que é de uma ação ou agir de que trata a citação, das relações que o sujeito faz com o hoje e com o mundo, não nos vemos mais atados a uma psicanálise voltada à rememoração. Isso pode ser verificado justamente nos contextos sociais, sobretudo naqueles que selecionamos para fazer essa pesquisa e verificação. Voltamos então ao debate do trabalho em intensão e extensão, visando permear os três Eixos propostos, possibilitando a experiência da clínica sob suas diversas facetas.

Ainda considerando a psicanálise em extensão, inserimos essa experiência de estágio e formação também no campo da Educação, uma vez que ela se aplica na Universidade e se faz viva enquanto pode ser experienciada pelos alunos em sua diversidade com outras abordagens e práticas. A partir das noções apresentadas tanto de aplicação da psicanálise em instituições, quanto de pesquisa como intervenção na formação do alunado, assim como a articulação dos três Eixos em sua relação com a clínica, concluímos o projeto *inicial* de encontro com a profissão, no qual teoria e prática articularam-se em prol do enriquecimento da formação em psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LOUCURA ENTRE NÓS. Documentário. Direção: Fernanda Fontes Vairelle. DVD (55 min). Brasil, 2016.

ABREU, Douglas. A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental. In: **Estudos e pesquisas em psicologia**. Ano 8, N. 1, p. 78-84. UERJ: 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n1/v8n1a08.pdf>. Acessado em fevereiro de 2018.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

³⁰ FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XII, 1979, p. 196.

- BROUSSE, Marie-Hélène. Em direção a uma nova clínica psicanalítica. In: **Latusa**, n. 12, p. 11-22. Rio de Janeiro: EBP, 2007.
- CABAS, Antônio. **Curso e discurso na obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Centauro, 2005.
- CARVALHO, Isabel. Uma atitude sem pressa: antídoto para a ansiedade improdutiva. In: **Perspectiva Capiana**, n. 6, novembro de 2009.
- CASTRO, Lúcia. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lúcia; BESSET, Vera. (orgs). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.
- CIRIBELLI, Maria. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.
- CRIANÇAS INVISÍVEIS**. Filme. Direção: Kátia Lund et al. DVD (124 min). Itália, 2005.
- FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XV, 1979.
- _____. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XII, 1979.
- _____. (1930). O mal estar na civilização. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, V.XXX, 1979.
- GARCEZ, Marcia. **Psicoses, Nós e Remendos**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Quatro pontuações sobre a psicanálise aplicada. In: **Pertinências da psicanálise aplicada**. Associação do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HARARI, Angelina. **Clínica lacaniana da psicose: de Clérambault à inconsistência do Outro**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- INFÂNCIA SOB CONTROLE: MEDICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA**. Documentário. Jaury, Marie-Pierre. DVD (53 min.), Paris, 2009.
- LACAN, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Bacarolla, 2007.
- NOSSAS INQUIETUDES**. Documentário. Direção: Judith Du Pasquier. DVD (55 min). França, 2003.
- KUPFER, Maria Cristina. O Que Toca à Psicologia Escolar. In: SOUZA, Marilene.; MACHADO, Adriana. **Psicologia Escolar: Em Busca de Novos Rumos**. Casa do Psicólogo, 1997.
- ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.